

Mas ella, *c'um* fermoso riso honesto, respondeu: Qual será o amor bastante de nimpha, que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Assi contava, e *c'um* medonho choro subito d'ante os olhos se apartou; desfez-se a nuvem negra, e *c'um* sonoro bramido muito longe o mar soou (ib. 5, 60) — *Com* torva vista os vê (ib. 4, 35).

Locuções formadas com substantivos abstractos, ainda que se possam transformar em adverbios terminados em *-mente*, nem por isso perdem o character de instrumentalidade ou meio:

E sopesando a lança quatro vezes, *com* força tira (Cam., Lus. 4, 38) — E os inimigos que domarom *com* violencia, trataram e conservaram *com* humanidade (Arrais, 311) — Notam *com* diligencia o curso das estrellas (ib. 318) — Usam de cavallos armados e arreados *com* muyta elegancia (ib.).

Posto que ao conceito de companhia se associe em geral o de conformidade de acção, pois se costuma ajuntar um ente a outro como participante da mesma situação ou para o ajudar ou acompanhar em algum acto, todavia pode ás vezes o ajuntamento significar luta e antagonismo entre os seres, como em *pelejar com*, *estar em guerra com*, *combater com*, onde a linguagem se limita a assignalar o conceito de companhia, da acção praticada em commum, deixando ao bom senso o cuidado de acrescentar o resto: opposição, contrariedade, acção reciproca, etc.

Nos exemplos seguintes, em que se usa *pelejar com*, significa o complemento ora instrumento, e portanto conformidade de acção, ora o individuo contrario, e portanto acção antagonica:

Tanto que chegaram á vista dellas, logo lhe fallecem as forças *com* que dantes *pelejarom* (Cam., Lus. 6, 88) — Não ha peito tão alto e tão quente que de desconfiança não se afronte, em quanto não conheça e claro veja que *co* braço dos seus Christo *peleja* (ib. 3, 109) — Ao capitão pedia que lhe dê mostras das fortes armas *de* que usavam quando *cos* inimigos *pelejavam* (ib. 1, 63) — Que tornará [o Mourro] a vez septima, cantava, *pelejar co* invicto e forte Luso (ib. 10, 18).

A preposição *com* pode tambem denotar facto simultaneo ou paralelo a outro:

Já na cidade Beja vai\* tomar vingança [de Trancoso destruída] Affonso que não sabe sossegar, por *estender co'a fama a curta vida* (Cam., Lus. 3, 64) — Não *perde a presteza co'a idade* (ib. 3, 80) — *Co este o reino prospero florece* (ib. 3, 96) — O claro estreito aonde Hele *deixou co nome a vida* (ib. 3, 12) — *Crescendo cos successos bons primeiros no peito as ousadias* (ib. 8, 72) — Se é certo que *co rei se muda o povo* (ib. 4, 17).

O facto simultaneo, ou que acompanha a alguem, pode actuar sobre este individuo e manifestar-se como causa determinante da sua acção ou situação:

As molheres pejadas *moviam co estrepito* horrendo da artilharia (Arrais, 307) — Não *poude cos temporaes* chegar á cidade de Gidda (ib. 307) — Os animos altivos *co'a prospera fortuna* da guerra (ib.) — E estando nesta afronta chega a maré que *se não via com a grande revolta* (Castanh. 1, 75).

Outras vezes, pelo contrario, cabe ao sujeito exercer acção sobre a pessoa ou cousa que se acha junta a elle ou se suppõe estar em face d'elle e á sua mercê:

Nas brutas feras... e nas aves agrestes... *com pequenas crianças* viu a gente *terem um piadoso sentimento*, como *co'a mãe* de Nino já *mostraram*, e *cos irmãos* que Roma edificaram (Cam., Lus. 3, 126) — Mas vendo Mafamede que muytos o tinham em pouco..., buscou *invenção efficaz com gente do povo*, para se segurar deste desprezo, dizendo que era profeta e nuncio de Deos (Arrais, 315) — A Ley de que Christo *usa com os seus* (ib. 340) — Juntamente a cobiça do proveito que espera do contrato lusitano, o faz obedecer e *ter respeito co capitão*, e não *co mauro engano* (Cam., Lus. 8, 77) — Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,... *cos seus* hũa ira insana *não refreia*, põe na fama alva nota negra e feia (ib. 10, 47).

**Contra** — Usou-se esta preposição a principio com o sentido de «face a face», «frente a frente», e conforme a esta accepção se dizia em port. ant.:

Tu es *boo* homẽ *contra deos* (S. Graal, 134) — E elrei tendeo as mãos *contra o ceo* e disse: Jesu Christo... beento sejam tu (ib. 10) — E leixou de colher suas verças e foe *contra elles* e salvou-os. E elles se humildarom muyto *contra elle*, e salvarom-no (ib. 109) — E *disse* estomce o Meestre *contra elles*: Que he isto, amigos? (F. Lopes, D. J. 30).

Da era camoneana para cá substitue-se sempre em taes frases a preposição por outra (*para, a*), entendendo-se que *contra* denotaria sentimentos de inimizade ou actos de ameaço e resistencia.

Em linguagem quinhentista usava-se frequentemente *contra* nas referencias a pontos geographicos a que se dirige algum movimento, ou para onde alguma cousa se estende; casos estes em que o falar hodierno dá preferencia á preposição *para*:

Fez armadas que *correram* as prayas de Africa, e os mares *contra o mar Austral* (Arrais, 296) — [Sagres] dista hũa legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a *abrir caminho contra as regiões Orientaes* (ib. 296) — Os Chinas que *habitam contra o Meio Dia* são morenos (ib. 318) — Viu *correr a gente contra a praia* (Barros, Dec. 1, 3, 2).

Empregamos porem *contra*, hoje como em outros tempos, quando se trata de movimento contrario a outro movimento, ou esforço opposto a outro (*remar contra a maré*), ou ir de encontro a algum obstaculo (*bater contra a parede; ir contra a lei*), ou dirigir um movimento perpendicularmente a uma superficie (*collocar as pedras contra o muro*).

A — A particula *ad* começou a usar-se em latim para enunciar o conceito de direcção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma cousa a outra. Este mesmo sentido vive ainda em nossa preposição *a*, apesar da concorrência de *para*, que lhe cerceia por vezes o emprego.

Serve a preposição, alem disso, para exprimir noções decorrentes do conceito primitivo. Com o sentido de lugar onde, isto é, denotando, não a direcção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava *ad* no latim vulgar e occorrem, até, alguns exemplos deste genero em Varro e Tito Livio. O emprego em francez de *à* com os nomes de cidades filia-se a esta pratica antiga. Em portuguez não podemos dizer senão com a preposição *a*: *ir com a trouxa ás costas, trazer o collar ao pescoço, estar alguém á cabeceira, á mesa*, etc. Com outra qualquer particula se alteraria aqui o conceito da situação. Nas locuções *á direita, á esquerda*, posto que se trate de lugar onde, a palavra *a* indica que este lugar fica na direcção de uma ou outra das nossas mãos.

A imagem que temos na mente de um ponto de

afferencia, que serve dè norma, ou segundo o qual alguma cousa se faz, devemos o uso de *a* nestes dizeres: *a meu ver*; *vestir-se á ingleza* (i. e. segundo a moda ingleza); *estar á vontade, formado á imagem do primeiro Adam* (Arrais, 450); *a gosto de alguém*; *a jeito*.

Notavel é o emprego de *a* para significar instrumento e meio: *a ferro e a fogo*; *á força*; *á viva força*; *salvar-se a nado*; *a remo surdo*; *á voga arrancada*; *a troco de trabalho*; *a toda a pressa, viver á custa alheia, matar a tiro, á traição*, etc.

A conexão entre o sentido instrumental e a primitiva accepção directiva não é nada transparente; mas em todo o caso só ella explicará o haver-se fixado o uso de *a* nestes dizeres, quando a linguagem podia dispor -- e a cada momento dispunha -- de outras preposições mais aptas para expressar o meio e a instrumentalidade. Parece que a transição de sentido se teria feito, ao menos em alguns casos, atravez do conceito de afferencia. *Fazer alguma cousa á força* ou *á pressa* significaria a principio fazel-a segundo, ou á maneira de força ou pressa.

Serve-nos ainda a preposição em certas locuções de «tempo em que» alguma cousa se passa, como sejam: *a esta hora*; *ao outro dia* (a par de *no outro dia*); *ao tempo que*; *ás tres horas* (differente de *em tres horas*); *a 22 de julho*, etc.

**Em** — Esta particula exprime interioridade com referencia tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprego. Pode denotar mera superposição (*pôr pé em terra*), estado de alguma cousa (*arvore em flor, ouro em pó*), divisão, distribuição (*obra em dous tomos*), etc.

Occorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspicuo é o emprego de *em* com accepção directiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom numero de locuções.

Dizeres que signifiquem «lugar para onde», se construem em portuguez geralmente com *a* ou *para* e, ás

vezes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido directivo junto aos verbos *lançar, metter, pôr, deitar, admittir, sahir, saltar, sahir em terra, passar e passar-se em* (para algum paiz) e outros:

Assi fogem os Mouros, e o piloto, que ao perigo grande os guiara, crendo que seu engano estava noto, tambem foge *saltando na agua* amara (Cam., Lus. 2, 28) — Depois, *lançando arpeos* ousadamente *na capitania* imiga, dentro *nella saltando*, a fará só com lança e espada de quatrocentos Mouros despejada (ib. 10, 28) — Da alma *transborda em o corpo* e vestidos a verdadeira fermosura (Arr. 740) — Do ceu o *precipitou no Inferno*, e do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos (Vieira, Serm. 5, 229) — Por tres cousas, como todo o mundo sabe, se moveu elrei a *passar em Africa* (Mend., Jorn. de Afr. 1, 25).

Podem-se, sem duvida, imaginar com varios destes verbos situações de «lugar onde», isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a acção se effectua, e não aquelle para o qual ella se encaminha ou destina.

Nas dicções *crer em, pensar em, meditar em, reflectir em* e outras congeneres, a preposição evidentemente significa a direcção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

As locuções, *em honra de, em premio de, em castigo de, em favor de, em pena de, em pago de, em recompensa de, em louvor de* são formações analogicas creadas segundo o typo latino *in honorem alicujus*, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objectivo a que algum acto se destina, o effeito que delle deve resultar. Vem pois a preposição *em* usada aqui com sentido directivo.

Verbos que significam «passar de um estado a outro», como *transformar, converter, etc.*, tem, alem do objecto directo, um complemento formado com a preposição *em*. A construcção latina a que este complemento se filia é *in* com accusativo, usando-se este caso, por significarem taes verbos movimentos encaminhados em determinado sentido. Em portuguez não pode ser outra a interpretação e a razão do emprego de *em* nos exemplos seguintes:

*Converte-se-me a carne em terra dura, em penedos os ossos se fizeram* (Cam., Lus. 5, 59) — *Iam-se as sombras lentas desfazendo*

sobre as flores da terra *em frio orvalho* (ib. 2, 92) — Mas Affonso... em nossa Hesperia, que a soberba do barbaro fronteiro *tornou em baxa e humillima miseria*, fora por certo invicto cavalleiro (ib. 4, 54) — Nem temais, Herculano, que *se transformem* os Portuguezes animosos *em mercadores* cubiçosos (Arrais, 312) — Com outro « eu sou no Egypto » *se trocaram* aos Irmãos de Joseph as tristezas *em festas*, os temores *em parabens*, e as prisoes *em abraços* (Vieira, Serm. 2, 165).

Nas frases *em comprimento, em largura, em altura, em profundidade* tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas *in longitudinem, in latitudinem*, as quaes se usaram com accusativo de accordo com o sentimento de « lugar para onde » seguem as linhas de medição.

**Trás, atrás (de), detrás (de)** — Filia-se a preposição *trás* ao latim *trans*, tendo havido perda da consoante nasal e notavel alteração de sentido. Com a anteposição de *ad* e *de* formaram-se os advérbios *atrás, detrás*, dos quaes por sua vez se geraram as locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

*Trás* emprega-se com verbos de movimento e significa « após », « em seguimento de », « em busca de »:

E assi corremos *tras elle*, como *tras* quem nos leva enganados e roubados os desejos (H. Pinto, 1, 409) — Não vas *tras* tuas concupiscencias (ib. 1, 112) — Tres cousas diz aqui Christo aos que quiserem ir *tras elle* (ib. 1, 113).

Pode-lhe fazer as vezes a preposição *após*:

Será bom irmos com o padre, que com suas palavras e doutrinas nos levará *tras si*, assi como homem que leva *após si* cachorros soltos com lhe ir lançando pedaços de pão, que vão comendo (H. Pinto, 1, 84) — Vai *após* as pegadas das manadas de teus gados (ib. 1, 48).

*Atrás (de)* e *detrás (de)* usaram-se por muito tempo indiscriminadamente, e com mais frequencia a segunda forma, o que se deve attribuir á influencia de *de fronte, diante (de ante)*, etc. Semelhante ao falar hodierno é o emprego de *tornar atrás*, significando « reconsiderar um acto » neste passo de João de Barros:

Algumas pessoas notaveis... o faziam *tornar atras* do que estava assentado (Dec. 2, 10, 1).

Todavia, quer neste sentido metaphorico, quer na accepção material de volver em direcção contraria a caminho já percorrido, empregou Camões ora os adverbios *atrás* e *pera trás*, ora *por detrás* e *pera detrás*:

Da determinação que tens tomada não *tornes por detrás*, pois é fraqueza desistir-se da cousa começada (Lus. 1, 40) — Põe no madeiro duro o brando peito, *pera detrás* a forte nao *forçando* (ib. 2, 22) — *Torna pera detrás* a nao *forçada* (ib. 2, 24) — Era maior a força em demasia, segundo *pera trás* nos *obrigava*, do mar que contra nós ali corria, que por nós a do vento que *assoprava* (ib. 5, 67) — Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana *atrás* *tornou* as ondas de medroso (ib. 4, 28).

Outros exemplos do emprego da forma *detrás* (*de*), discordantes em parte do falar corrente de hoje:

Da besta nom podemos seer derribados senõ *pera hũa* de quatro partes, *pera deante*, e *pera detrás*, ou *pera cada hũa* das ilhargas (D. Duarte, Ensin. 20) — Os que me deviam alguma cousa, já ficam *detrás de* mim (Barros, Dec. 2, 3, 9) — Os nossos per *detrás* lhe *escalavam* as carnes de morte (ib. 2, 5, 9) — Chegaram estou-tros que ficaram *detrás* (ib. 2, 7, 3) — Foi esperar o impeto dos nossos *detrás dos* muros e não fora delles (ib. 2, 7, 9) — Per *detrás* lhe deo com o cris pelas costas (ib. 2, 9, 3) — Os que hiam diante, e os que hiam *detrás* (Vieira, Serm. 3, 57 e 58).

Raros exemplos de *tras* empregado junto a preposição alem das citadas se nos deparam em port. ant.:

Os cães corriam *em tras* ell (Livro de Esopo 41) — E lançar-se cõ o pee da outra parte aa maneira de desvyo mais derriba *contra tras* (D. Duarte, Ens. 106).

**Pós, após, em pós, de pós** — O latim *post*, perdida a consoante final, deu ao portuguez as formas *pós* e *pois*, servindo uma de preposição, a outra de adverbio e conjunção.

Cedo se generalizou a pratica de usar a preposição reforçada com a anteposição de *a*, *de* ou *em*. Da forma simples primitiva encontram-se todavia alguns exemplos em port. ant.:

Cavalgou em seu cavallo e foy-se *pos* elle (S. Graal, 115) — Veemos *pos* vos atee aqui (ib. 5) — Quando boorz esto ouvio, nom foy bem seguro, ca *pos* morte de Calagrenac matal-o ya seu jrmaão, se o *desarmado* achasse (ib. 130) — Começou-se a hir muj de rrixo *pos* elle (ib. 59).

Servia-se o port. ant. indiscriminadamente de *em pos*, *a pos* e *de pos*, com os mesmos verbos de movimento, sem attender a que as particulas de reforço consideradas em si exprimiam relações diversas:

E dom Juam o bastardo foi atras a besta ladrador, e galaaz *depos* o çervo... e dom dinac *depos* dom tristam (S. Graal, 60-61) — E nom andou muyto e scoytou e vjo vyr *em pos* elle tam rijamente huñ cavaleyro sobre huñ cavallo (ib. 61) — Quando a vio, começou de hir *apos* ella (ib. 69) — Começou hir *em pos* ella (ib.) — Vi vyr tristam *em pos* mim (ib. 72) — Amdando *em pós* ell com huñm paao na mão (Esopo 18).

Com referencia a tempo ou a um successo ulterior, usava-se de preferencia *de pós*. Talvez tambem *após*:

*Depos* esto envjou el rei pella rainha e pellas donzellas e donas (S. Graal, 23) — *Depos* elle chegou ho ermjtam (ib. 11) — Nem que amedes outro *depos* minha morte (ib. 57) — *Depos* vespervas... aveeo que acharom huñ castello (ib. 73) — Logo se rrecearom de o Iffante poder reinar *depos* sua morte (F. Lopes, D. J. 93).

Tambem se usou, ainda que menos frequentemente, *empós de* em lugar do simples *empós*:

E queremdo seguir *empós de* aquelle que o avia roubado... foy aa praça pera alquiaar huña mula (Frad. Men. 1, 358) — Ouciosas fabulas que seguem *em pós do* vento e careçem de toda verdade (D. Fern. 2).

Hoje em dia estas diversas formas são desusadas, exceptuando unicamente *após*, que equivale tanto a «depois de», como a «atraz de» com verbos de movimento.

**Per, por, pera, para** — Do emprego outrora florecente de *per* preposição não conserva a linguagem moderna mais que os vestigios *de per si*, *de per meio*, *perante* e *pelo* < *pello* (contração de *per + lo*), forma esta que, usada a par de *polo* < *pollo* (contração de *por + lo*) e com ella confundida, acabou por supplantal-a definitivamente.

Tinha *per*, como em latim, o valor de «atravez de», «por meio de», e podia significar «lugar por onde» alguma cousa se estende e duração «de algum acontecimento»:

Nom devemos cōstramger nenhũa perssoa que digua nenhũa cousa *per força* nem *per* medo (L. de Esopo, 53) — Depois *per dias*



começarõ de sse assenhorar delles (F. Lopes, D. J. 123) — Quando elle *per hi* passara (ib. 124) — Sahirom hũu dia *per mandado* do Meestre (ib. 126) — *Per aquestes avysamentos* que screvo se pode veer como convem guardar tempo (D. Duarte, Ens. 112) — Se *per graça* special do senhor deos nõ for ajudado (ib. 115) — Correrem *per mato* espesso... *per lama*, augua ou ervaçal (ib. 118).

Em alguns dizeres parecia apagar-se a fronteira entre o sentido proprio desta particula e o dominio semantico de *por* do lat. *pro*. Esta confusão occasional não seria todavia o bastante para determinar o desaparecimento de uma das preposições. Atribuiremos o phenomeno antes á pronuncia mui parecida dos dous vocabulos atonos, prevalecendo a particula que, pelas oportunidades de sua applicação, se usava com mais frequencia.

Entre as funções de *por*, alem das que competiam a *per*, destacaremos em primeiro lugar o sentido de «em favor de»:

De nove desembargadores que eram, teve Sua Alteza quatro *por si*, e todos os outros seguiram o voto contrario, que foy em favor do capitão (Arrais, 33).

Deste sentido originou-se — já em latim com a preposição *pro* — a significação de «em lugar de», da qual por sua vez decorre a de «em troca de» e «equivalencia». Estes valores conservaram-se em portuguez:

Na cabeça *por gorra* tinha posta ãa mui grande casca de lagosta (Cam., Lus. 6, 17) — Têm *por mestra* a longa experiencia (ib. 5, 17) — *Polos doze Pares* dar-vos quero os doze de Inglaterra e o seu Magriço (ib. 1, 12) — *Por cobre* teriam ouro (Arr., 311).

Mais facil e mais pronta foi, por outra parte, a transição do conceito de «em favor de» para o de «fim», «intenção». Mas em port. ant. e ainda em linguagem camoneana se usou a preposição confusamente, tanto denotar o fim propriamente dito, como para significar a causa:

1) FIM — E *por saberem* o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (F. Lopes, D. J. 325) — E com hum delles furavõ a terra *per cima por veerem* o certo onde já chegavam (ib. 325). — Foi *por cobrar* Villa Viçosa (ib. 321) — *Por vos servir*, a tudo apparelhados (Cam., Lus. 10, 143) — Deixas criar ás portas o inimigo *por*

*ires* buscar outro de tão longe (ib. 4, 101) — Cos principaes senhores se aconselha mas só *por ver* das gentes a sentença (ib. 4, 12). — *Por nos não magoarmos* ou mudarmos do proposito firme começado determinei de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado (ib. 4, 93) — Queimou o sagrado templo de Diana... Herostrato, *por ser* aa gente humana *conhecido* no mundo e nomeado (ib. 2, 113).

2) CAUSA — Cuidou *por a gram festa* e prazer em que seriam postos em aquell dia,... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (F. Lopes, D. J. 331) — Deu muitas graças a Deos, que *por sua grande misericordia* o quisera guardar (ib. 333).

Persiste até os nossos dias o emprego de *por* para denotar a causa; porem quanto a significar effeito a attingir, cahiu esta preposição em desuso, sendo suplantada por *para*. A delimitação de sentido trouxe a vantagem de evitar ambiguidades que só pelo contexto, e ás vezes nem assim, se podiam resolver. Empregava-se tambem *porque* como equivalente de *para que*; mas o sentido aqui se percebia logo pelo verbo no conjuntivo.

A forma *pera* usou-se em todo o periodo do port. ant. e ainda no port. mod. do seculo XVI e principios do seculo XVII. Nos *Lusiadas* ocorre a forma *para* sómente com pronomes e com o artigo definido (v. as notas á edição de Epiph. Dias); Frei Luis de Sousa ainda continua a utilizar-se de *pera*; Vieira e Bernardes não escrevem senão *para*.

O aspecto e a significação do vocabulo induzem a crer que *pera* se teria originado de *per* + *ad*. Podia çomtudo ter resultado, e esta etymologia parece mais correcta, da combinação de *pro* + *ad*.

Empregada com o valor de «destinação» e «lugar para onde», rivalisa fortemente com a particula *a*, sendo a differença tão difficil de perceber que os casos de regencia fixa, em que certos verbos e adjectivos se construem uns sempre com *a* e outros sempre com *para*, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao dictionario, e não á grammatica, particularisal-os. Evidentemente, apresentam-se tambem casos em que o uso vacilla. Assim, ao mesmo tempo que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir*, *caminhar*, *fugir*, synonymos de *partir*, é licito optar entre *a* e *para*. Cito alguns passos

de Antonio Vieira, nos quaes varia a particula sem aparente alteração de sentido:

Só Christo *caminhou* voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada (Serm. 2, 390) — Abraham [*caminhava*] ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado (ib.) — *Caminhou* animosamente a ella (ib.) — Desde este ponto começava Christo a *caminhar para a morte* (ib. 391) — Despido por despido não he melhor *hir* com o bom ladrão ao *Paraíso*, que com o mau ao *Inferno?* (ib. 3, 354) — Ou são ábsoltos, e *vão para o Ceo*, ou condenados, e *vão para o Inferno* (ib. 2, 435) — *Fugio para* o Egypto (ib. 3, 179) — *Foge para o monte* (ib.) — *Fugir* com Christo ao monte (ib. 3, 199) — Para *hir ao Ceo*, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos (ib. 9, 361) — Vejo que nos *imos ao Inferno* sem remedio (ib. 2, 307) — [Dia] em que os bons hão de *hir para o Ceu*, e os maos *para o Inferno* (ib. 2, 435).

Não é entretanto provavel que o padre Vieira repetisse, na mesma pagina, o complemento com outra preposição sem o levar a isso o intuito de estabelecer differença, ainda que subtil. Com *a* significaria o escriptor, ao que parece, simplesmente o movimento directo; *para* denotaria o movimento mais demorado.

Mais palpavel é a differença entre as particulas quando a um verbo expresso em qualquer das suas formas se accrescenta outro verbo, porem no infinitivo, que indique o resultado ou fim a que visa a acção. Sendo este fim um successo futuro, mais ou menos remoto, e contingente, emprega-se geralmente *para*, como preposição mais apropriada. Algumas vezes, porem, o resultado a alcançar parece prender-se mais intimamente ao acto determinante, vindo logo apoz elle ou entrando em via de execução desde o momento em que o acto determinante se inicia. Parece aqui vir mais a proposito a preposição *a*, e seria este sentimento o que dictou o seu emprego nos trechos seguintes:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto *a orar* a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, Serm. 8, 102) — Decião tambem a terra *a adoral-o* (ib. 8, 104) — Partiram em hum catur *a encontrar* o sagrado hospede (ib. 8, 357) — Eu me parto *para* o cabo de Comorim... *a soccorrer* aquelles pobres Christãos (ib. 8, 188) — Tirou hũa cruz que trazia sobre o peito, deu-a a hũm menino, dizendo que *a dèsse a beijar* ao endemoninhado (ib. 8, 165).

Depois do verbo *ser* dizemos a noção de destino com a preposição *para*: *é para elle, para todos; é para ver*, etc. Depois de *estar* usa-se *para* com verbo no infinitivo para significar acto de realisação futura: *está para casar, para mudar-se*, etc. *Estar* seguido de *a* + infinitivo denota a acção mais proxima ou immediata, e tambem se usa, principalmente em Portugal, para exprimir o tempo presente (*estar a dizer* = *estar dizendo*).

---

## Conjunções: especies, formas e significação

A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariavel que serve para ligar as orações. O qualificativo «invariavel» vem aqui como reminiscencia do antigo *systema grammatical* que dividia as palavras em flexivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poderíamos imaginar sequer que um vocabulo destinado a uncionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fosse susceptivel de genero, numero e caso. Com quem haveria de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se nantem aquella característica, importa não esquecer que o pronome relativo, representando sujeito ou objecto, é termo essencial á oração, ao passo que a conjunção, como quer a referida maneira de definir, é elemento estranho.

Discutivel é a serventia de ligar orações. Elemento novo interposto entre dous *systemas* homogeneos tanto pode cimentar como desunir; e para ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronuncial-as seguidamente sem pausa. Que a linguagem creasse vocabulos expressamente para este effeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é cousa crível. Ahi estão as construcções asyndeticas, tão intelligiveis para os povos atrazados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquella particula a que damos o nome de «integrante» e raras vezes omittimos em portuguez, em certos dize-

res communs do inglez ou do allemão mais vale desapparecida que ostentando-se, v. g. em *I think he is here* por *I think that he is here*; *ich glaube, er kommt* por *ich glaube, dass er kommt*.

Do ponto de vista phonetico, a presença ou ausencia da particula não accelera nem retarda o ligamento entre duas orações. A pausa, imperceptivel entre a oração principal e a subordinada substantiva, é e continua a ser a mesma entre a principal e outras subordinadas, ou entre coordenadas, podendo-se marcar por virgula, ponto e virgula, dous pontos e, até, por meio de ponto final.

De que natureza será pois o valor da conjunção? Consideremos dous trechos do Monge de Cister (1, 18 e 1, 94): a) *Elle percebeu que tornara a mim: pos-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas: apertei-a entre as minhas e levei-a á boca e beijei-a.* b) *Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados.*

No exemplo a) narram-se factos que se passam successivamente e a particula e anteposta sómente aos dous ultimos verbos, poderia vir iniciando tambem cada uma das demais orações que se seguem a *Elle percebeu que tornara a mim*, caso o autor quizesse reduzir as pausas e sacrificar a vivacidade do estilo.

No exemplo b) a construcção é toda asyndetica. O segundo facto *ninguem reparou em mim* contradiz a expectativa que acompanhava a acção de entrar. Querendo significar explicitamente esta contradicção, o autor poria no rosto da segunda sentença a adversativa *mas*. É esclarecendo afinal a causa do inesperado acontecimento, servir-se-ia da particula *porque* como introducção a *todos andavam como pasmados*.

Deste exame se depreheende que a conjunção faz parte, como elemento accessorio, sómente daquella oração em cujo inicio se acha, tendo por objecto apresentar o respectivo pensamento como correlato a outro. Mostra a particula que não se deve tomar tal pensamento como asserção absoluta e independente, segundo succederia com dous aphorismos ou dous theoremas reunidos ao acaso.

Faz-se a construcção asyndetica por concisão ou ele-

gancia de estilo, quando se conta com a intelligencia do ouvinte para perceber o sentido sem a particula. Como porem é limitada a capacidade desta intelligencia, predomina o emprego da construcção syndetica, e certas conjunções não se podem subentender em caso algum.

Chamaremos proposição inicial áquella que, enunciada de ordinario em primeiro lugar, serve de ponto de referencia a outra ou outras que denominaremos proposições sequentes. Pertencem a esta segunda categoria todas as coordenadas, copulativa, adversativa, causal, alternativa (disjuntiva), etc., e todas as subordinadas. Feita esta distincção, observaremos que as conjunções pertencem em geral ás proposições sequentes; a algumas porem respondem outras particulas correlativas nas proposições iniciaes. Servem ellas ás vezes de mero reforço, como no caso de *ou... ou...*, onde a particula só é imprescindivel na alternativa sequente. Outras vezes, como em *não sómente... mas tambem...*, o sentido ficaria incompleto sem a correlativa.

Accrescentemos, para completar estas considerações, que um enunciado sequente em relação a outro anterior, pode por sua vez servir de inicial relativamente a proposição ulterior. E é assim que se torna possível o encaidamento logico dos pensamentos de qualquer discurso.

Não tem a conjunção valor de simples elo mecanico posto entre orações; mas serve á linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciaes. A particula dá a uma dellas o character de sequente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos signaes com que em meio de um trecho musical se annuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assignala a relação logica em que a sequente está para com a inicial. É pois uma particula que exerce sua influencia, não como o adverbio e a preposição sobre um vocabulo, mas sobre uma oração em conjunto.

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porem, a julgar por aquellas cujo historico se conhece, a linguagem não teria creado vocabulos especiaes para constituir a nova categoria. Serviram a este fim adverbios que, de modestos determinantes de um conceito unico, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e

serviram também pronomes do typo relativo-interrogativo, ou themas pronominaes accrescidos de novos elementos.

Da respeitavel serie de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram ás linguas românicas. Em portuguez existem *e* (et), *ou* (aut), *nem* (nec), *quando*, *se* (si), *como* (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, posto que pelas leis da phonetica só se filie ao segundo destes vocabulos), e *que*, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, *autem*, por *mais* (depois *mas*), do adverbio *ma(g)is*, data do periodo pre-lusitano. Sobre a evolução de *proinde* em *porende*, *porém*, veja-se pag. 213-214.

A falta das demais particulas supprem-na creações novas, isto é, advérbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de *que*, simples, ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caracter adverbial, e, ainda a forma verbal *quer* (em *quer... quer...*, *ondé quer que*, *quando quer que*) para expressar o conceito optativo.

*Segundo* nas frases *segundo vejo*, *segundo dizem*, *segundo se affirmou* (Barros, Dec. 2, 3, 1), *segundo parece* (Vieira, Serm. 9, 44) e outras do mesmo genero, é exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção. A linguagem antiga usava, alem disso, *segundo* com sentido causal:

E *segundo* estão victoriosos... hey medo que nos fação daqui alevantar (Castanh., 1, 85) — Que elrey folgaria coele *segundo* ho vira amigo de honrras (ib. 1, 25) — Se os mouros nos aferram *segundo* sam muytos e nós poucos, não temos salvação (ib. 1, 43) — E *segundo* a cidade era rica, foi o despojo de roupa e alfaias pouco mais de cincoenta mil cruzados (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Informa o cauto Gama das armadas... Diz-lhe que vem de gente carregadas e dos trovões horrendos de Vulcano, e que pode ser delles opprimido, *segundo* estava mal apercebido (Cam., Lus. 9, 7) — Eis pelo monte apparece e, *segundo* ao mar caminha, mais apressado do que fora vinha (ib. 5, 31) — O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto, que os pensamentos erão de inimigos, *segundo* foi o engano descuberto (ib. 1, 105) — Era maior a força em demasia, *segundo* pera trás nos obrigava (ib. 5, 67) — Mais nascimentos haviamos mister, *segundo* são muitas as mortes, assim de doença como violentas (Vieira, Cartas 2, 183).

Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem parallelismo syntactico entre duas ora-



ções, e subordinativas aquellas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o character ou de substantivo ou de adverbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbias não é bastante clara. Nenhuma duvida ha sobre as especies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porem entre as particulas causaes figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa, enquanto *visto que*, *já que*, *como* são sempre da segunda classe.

Entre as subordinativas integrantes separamos *que*, particula da asserção (*sei que elle virá*), de *se*, *como*, *quando*, *porque*, particulas da duvida ou interrogação indirecta (*não sei se virá*, *quando virá*, *como virá*, *porque virá*). As tres ultimas são adverbios interrogativos com applicação secundaria; *se* é conjunção que, a par de seu antigo papel de particula condicional, se usa tambem para fazer vezes das extintas particulas interrogativas latinas *num*, *an*, *ne*, *utrum*.

Se não filiamos a integrante *que* directamente á conjunção latina *quod*, por se opporem a isso as leis phoneticas, somos todavia forçados a admittir que o etymo verdadeiro, qualquer que fosse (*quia*, *quid*, etc.), teria, a partir de certa epoca, adquirido valor semantico igual ao daquella particula, cursando então simultaneamente com ella na linguagem vulgar e acabando por supplantal-a. (Veja-se Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*<sup>2</sup>, 105).

Mas com indicar sómente que a oração equivale a um substantivo, o qual serve de sujeito ou objecto a outra oração, a particula não revela nenhum colorido proprio, sendo de estranhar, a julgar pelo estado actual da linguagem, que para assumir a sentença a desejada feição integrante fosse necessario e bastasse antepor-lhe o pronome relativo. Não foi emtanto rigorosamente este o processo primitivo. *Quod* tinha seu antecedente demonstrativo (*hoc*, *illud*, *id*), com que á guisa de summario se antecipava um enunciado, como em *hoc uno praestamus vel maxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus*. O antecedente podia, sem prejuizo do sentido, omittir-se, e sendo esta pratica mais simples, tornou-se ella pouco a pouco

em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciencia da função pronominal de *quod*. O enunciado *non pigritia facio, quod non mea manu scribo* era a alteração semantica de outro que, reconstituído, equivaleria a «não faço por preguiça isto (=o seguinte), *que* não escrevo de proprio punho». O esquecimento, factor essencialissimo na evolução da linguagem, transformou, em taes construcções, o valor primitivo de *quod* ora em conjunção causal, ora em particula tão inexpressiva que já no latim da decadencia veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo character não se definisse por meio de outra particula. Herdeira de *quod* assim diferenciado é a conjunção portugueza *que*, com a variante *ca* (*qua*) usada no falar antigo para exprimir o sentido causal.\*)

Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito, ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a *de*, a *a*, a *com*, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a principio *por* e *pera* (*para*); não tardaram porem a combinar-se com *que*, nascendo desta união conjunções de causa e fim. *Des* (*desde*) *que* e *até que* constituem conjunções de tempo; *sem que* denota exclusão.

Serve a oração integrante de objecto directo a *dado*, *posto*, *admittido* e outros participios usados como o ablativo absoluto em latim, para expressar concessão, hypothese, etc. Perdura nestes participios geralmente o sentido proprio do verbo; *posto* entretanto ligou-se semanticamente á particula, produzindo a conjunção concessiva *posto que*. Vieira (Serm. 3, 76) empregou o participio ainda com a accepção primitiva: *Mas eu tão longe estou de encalhar neste baxo (posto que o seja [isto é: supposto que o seja]), que antes o exercicio de pescador me parece o melhor noviciado que estes Apostolos podiam ter.*

Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionaes revela-se sobremodo fecundo nas combina-

\*) Os factores de um phenomeno linguistico são multiplos, e é possível que a conjunção *quod* procedesse não sómente do pronome relativo, mas tambem do pronome interrogativo. Para admittir, como alguns linguistas se inclinam a crer, que todos os factos se devam referir sómente a frases interrogativas, faltam argumentos convincentes. Sobre a questão se *ut*, desbancado por *quod*, teria tido historico semelhante ou diferente, apenas se sabe que aquella particula tambem é de origem pronominal.

ções de advérbios e dizeres de caracter adverbial com a particula *que*: *a fim que* (port. hod. *afim de que*), *sem embargo que*, *com tanto que*, *ante(s) que*, *depois que*, etc.

Nestas, como em outras locuções conjuncionaes, o elemento advérbio nada mais é que um vocabulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se d'elle, emigra da respectiva oração, attrahido por uma particula, á qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova especie. Basta ver o historico do adventicio *ainda* em *ainda quando* e *ainda que*.

As particulas *que* e *quando* de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira phase estão redigidos os exemplos: *eu por huma parte hey dó deste coitado, que não seja mais que pelo pão que lhe como* (Ferr. Bristo, 2, 396); e *quando de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo* (Vieira, Serm. 5, 356). Na segunda phase, insere-se na oração principal emphaticamente o advérbio *ainda*. Deste typo é: *E quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum principe, que he o melhor officio que se agora usa* (Ferr. Bristo 2, 397). Exemplo da ultima phase, em que o advérbio se transfere para a oração subordinada: *Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação, ainda quando parecia mais divertido* (Vieira, Serm. 8, 320).

As vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de advérbio. *Tanto que* se emprega geralmente como conjunção temporal até o seculo XVIII, mas o falar hodierno lhe restitue o sentido de quantidade ou intensidade. *Assi que* mantem por muitos seculos a accepção modal, conforme ao advérbio componente, mas na linguagem de hoje se usa como conjunção temporal.

A maneira de dizer propria de certa epoca pode soffrer mudança pondo-se de accordo com outras dicções de uso mais geral. *Logo que*, locução temporal hoje usualissima, succedeu a *logo quando* e *logo como*:

*Logo como* tomou do reino cargo, tomou mais a conquista de mar largo (Cam., Lus. 4, 66) — *Logo quando* a [carta] ly, entrei comigo em grandes differenças (Diogo Bern., O Lima 218) — *Logo*

*quando* [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, Arceb. 2, 375).

Entre os adverbios de reforço que costumam deixar a oração principal para juntar-se com a particula da oração secundaria está *então*, correlato de *quando*. Esta construcção, empregada com liberalidade por varios quinhentistas, parece ser imitação do idioma latino:

A riqueza *entam* a alcançaram, *quando* a perderam (H. Pinto, 2, 67) — Porque *entam* a tribulação perde sua força, *quando* se lhe atravessa diante a paciencia (ib. 2, 139).

Correlatos emphaticos das conjunções concessivas são *todavia*, *comtudo*, *entretanto*, *ainda assim*. Não se transferem para a oração concessiva:

E *ainda que* alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados (H. Pinto, 1, 133) — E *ainda que* tomar este cargo seja contra minha vontade, *comtudo* faço-o por cumprir com a vossa (ib. 1, 147).

> *Comtudo* pode vir em companhia da adversativa *mas*:

Não deixo de entender... *Mas comtudo* eu vejo que os principes... sempre estimaram muyto homens letrados (H. Pinto, 2, 231).

O emprego de *comtudo*, *todavia*, *entretanto*, *emtanto* como correlativos emphaticos é uma applicação puramente occasional dos ditos vocabulos. Resta a saber se fora deste caso servem de conjunção ou de adverbio. Á tendencia de incluil-os na categoria das particulas adversativas em attenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objecta-se que a synonymia é imperfeita, e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com essa particula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o adverbio e a conjunção.

Na linguagem da Renascença, *entretanto* e *emtanto* têm valor temporal de « entrementes », « emquanto isto succede »:

As halcyoneas aves triste canto junto da costa brava levantaram... Os delfins namorados, *entretanto*, lá nas covas maritimas entraram, fugindo á tempestade e ventos duros (Cam., Lus. 6, 77) — E que *emtanto* podia do trabalho passado ir repousar, e em brevi tempo daria a seu despacho um justo talho (ib. 7, 65).